

## *Corpo, criança e escola – aspectos da cultura escolar dos grupos escolares norte-rio-grandenses*

Body, child and school - aspects of culture school  
of school groups north Rio Grande

*Crislane Barbosa Azevedo<sup>1</sup>*

*Rosa Milena Santos<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Discorremos sobre o que chamamos de processo de escolarização de corpos presente na cultura escolar dos grupos escolares do Rio Grande do Norte no início do século XX. Com base em pesquisa bibliográfica e documental, em perspectiva histórica, atentamos, especificamente sobre: a relação entre grupos escolares, método intuitivo e higiene; a atenção aos corpos em meio a práticas gerais, tais como trabalhos manuais, recreio e exercício de escrita; e, sobretudo, a prática específica de exercícios físicos como a ginástica sueca e a calistenia. Os grupos escolares foram instituições de ensino primário implantadas com uma nova cultura escolar baseada em preceitos pedagógicos modernos considerados essenciais para a construção do cidadão republicano do período. A escolarização nos grupos não era apenas de conhecimentos relativos às matérias escolares, ela era também dos corpos. Por meio dos grupos buscava-se consolidar saberes, práticas, costumes e disciplina moral, psíquica, mas, também, física.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupo Escolar. Exercícios Físicos. República.

**ABSTRACT:** We discuss what we call bodies of this educational process in the school culture of students from Rio Grande do Norte groups in the early twentieth century. Based on bibliographical and documentary research in historical perspective, we look specifically on: the relationship between school groups, intuitive method and hygiene; attention to bodies amid general practices, such as crafts, recreation and writing exercise; and, above all, the specific physical exercise as the Swedish gymnastics and calisthenics. School groups were primary education institutions implemented with a new school culture based on modern pedagogical principles considered essential for the construction of the republican citizen of the period. Schooling in the groups was not only knowledge of the school subjects, she was also the bodies. Through the groups sought to consolidate knowledge, practices, customs and moral, mental discipline, but also physical.

**KEYWORDS:** School Group. Physical Exercises. Republic.

### **Introdução**

Podemos considerar como premissas básicas do início da República no Brasil, práticas voltadas para civismo, patriotismo, disciplina, moral, ordem e progresso. A intenção de construir o cidadão republicano teve na educação escolar seu canal mais enfático. A escolarização primária e o combate ao analfabetismo foram tomados como condição para o

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). crislaneazevedo@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Biblioteconomia, UFRN. rosamilena3@gmail.com.

desenvolvimento do País e legitimação da própria República da passagem do século XIX para o XX.

No período, a busca pela associação entre República e Modernidade realizada pelos republicanos ocasionou para o ensino escolar primário, discussões e proposições que resultaram em mudanças, sobretudo, em seus métodos. O método intuitivo, considerado moderno, higiênico e progressista, influenciou o currículo escolar tanto no que se refere às matérias de ensino quanto às práticas docentes que demarcavam o cotidiano das escolas. Foi nesse contexto que a prática de exercícios físicos passou a ser considerada e vivenciada em instituições públicas de ensino primário de forma cada vez mais planejada e frequente.

O estudo sobre a escolarização do corpo relaciona-se com diferentes temáticas de pesquisa, muitas das quais integram nossas investigações sobre grupos escolares: a educação dos sentidos, ao tratar do método intuitivo; os rituais disciplinares para os quais se tinha horário definido (hasteamento da bandeira, cânticos, recreio, início e término das aulas etc.); e, as prescrições científicas de caráter higienista tanto para a edificação do prédio do grupo escolar quanto para o corpo do aluno. Como desdobramentos desses aspectos, objetivava-se fazer com que o corpo fosse um lugar no qual relações entre natureza e cultura fizessem-se presentes e, especificamente, também com uma nova cultura escolar que estava sendo construída no início do século XX via escolas públicas. Como afirmam Oliveira e Linhales (2011, p. 389):

Em trabalhos recentes, diferentes autores têm procurado lançar luzes sobre essa temática, e têm mostrado como os estudos sobre a história da educação do corpo se encontram entrelaçados a outras temáticas ou problemas de pesquisa, tais como: a educação dos sentidos e das sensibilidades, os rituais disciplinares, as prescrições científicas etc. – desdobramentos que fazem do corpo o lugar que abriga, rejeita, recebe, devolve, silencia ou anuncia a abundância de encontros com a natureza e com a cultura realizados pelos sujeitos.

Processos de intervenção nos corpos dos envolvidos com o ensino escolar é o foco deste trabalho. Assim, neste artigo discorremos sobre o processo de escolarização dos corpos de crianças ocorrido nos grupos escolares do Rio Grande do Norte, no início do século XX. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, atentamos, especificamente sobre: a relação entre

grupos escolares, método intuitivo e higiene; a atenção aos corpos em meio às práticas gerais, tais como trabalhos manuais, recreio e exercício de escrita; e, sobretudo, a prática específica de exercícios físicos, desde atividades mais pontuais presentes em festas escolares, por exemplo, até ações mais direcionadas ao cultivo dos corpos como a ginástica sueca e a calistenia.

### **Novo método de ensino e nova perspectiva sobre os corpos nos grupos escolares**

A partir da institucionalização da República, no Brasil, a escola pública primária ganhou um novo tratamento via administração pública. O projeto mais representativo das mudanças operadas nesse segmento de ensino foi, sem dúvida, o dos grupos escolares. Os grupos foram um novo tipo de escola primária, a que podemos chamar de escola republicana, como afirmam Azevedo e Stamatto (2012, p. 103). No Rio Grande do Norte, este novo estilo de escola diferenciava-se do antigo modelo escolar – as escolas rudimentares, nas quais as aulas eram ministradas dentro das residências dos próprios professores, não havendo uma separação da vida pessoal do professor com o ensino, já que as aulas podiam ser ministradas na cozinha, na sala ou em qualquer ambiente da residência do professor, como mostram as autoras (2012, p. 33):

[...] no próprio lugar onde habitava o professor, com sua família, existia a escola. O mestre-escola acolhia seus alunos para as aulas em uma dependência da sua moradia, reservada ou não para sala de aula. Podia ser qualquer cômodo: um quarto especialmente preparado; a sala de estar da casa, transformada em escola na hora da aula e, nas demais horas, usada pelos moradores em outras atividades; e até mesmo a cozinha podia passar a ser, de um instante para outro, um lugar de aula [...].

Essa organização escolar pautava-se em métodos de ensino considerados inadequados para o desenvolvimento da criança tanto no que se refere ao seu desenvolvimento intelectual quanto físico. Podemos mesmo afirmar que em muitas dessas escolas não havia uma clara orientação metodológica para o ensino ministrado. As dificuldades de fiscalização dessas instituições por parte dos inspetores escolares contribuíam para uma grande dispersão e fragilidade de métodos. Com a nova forma escolar (grupos escolares), característica, principalmente, do início do século XX, no Brasil, ganha força a associação entre escola e

modernidade já presente no País no final do século XIX, e dessa relação estabelece-se, entre outros aspectos, a atenção aos corpos dos sujeitos. As práticas baseadas no método de ensino intuitivo contribuíam para tanto. Segundo Azevedo, Bombassaro e Vaz (2011, p. 303), as décadas de 1930 e 1940 foram representativas de um interesse pela escolarização dos corpos. Dessa forma, os estudos desta época demonstravam, nas normas higienizadoras, a pretensão de se construir modelos de homem e mulher adequados aos processos de modernização.

De acordo com Francisco Pinto de Abreu, diretor geral da instrução pública, em 1909, no Rio Grande do Norte, os métodos antigos de ensino eram descontextualizados para as escolas republicanas, ao lado disso as instituições possuíam mobiliário inadequado e não atendiam aos preceitos de higiene. Em meio a esses obstáculos, o diretor ainda referia-se ao problema da ausência da educação física, já que nem os jogos livres recreativos, considerados essenciais para o crescimento da criança, eram aceitos. Dessa maneira, ser um bom aluno de acordo com as antigas formas de ensino era:

[...] permanecer calado ao banco, em atitude humilde ou circunspeta, estudando ou fingindo que trabalha. Nem um riso, nem uma mostra de prazer, que qualquer expressão da alma ou do corpo será levada à conta de mau procedimento ou incorrigibilidade. Sacrifica-se simultaneamente a fisiologia e a moral, porque esse meio pode gerar apenas uma legião de anêmicos e hipócritas. Nem se cogita de educação física, onde até proibem-se os livres jogos recreativos, tão salutares ao crescimento da primeira idade. Que direi do canto e do desenho, se até pareceria um caso de punição entoar um hino ou riscar uma figura?! É contra esse monstro da instrução antiga que nós devemos insurgir, abrindo novas escolas para matar o Adamastor que vai tolhendo o passo à juventude. Já que não podemos cortar liberdade de ensinar, que apóia-se na Constituição Republicana, o que nos cumpre é colocar uma escola moderna ao pé de cada aula anacrônica. (ABREU, 1909).

Os antigos métodos de ensino eram pautados na memorização. Os alunos tinham o dever de memorizar tudo que lhes eram ensinados, sem espaço para os próprios alunos construírem seus pensamentos e formarem opinião sobre o estudado. Este modelo era diferente do ensino considerado moderno e implantado nos grupos escolares, baseado no método intuitivo ou "lições de coisas" que objetivava fazer com que os alunos pegassem, sentissem, cheirassem, tocassem e até, se fosse o caso, ouvissem o objeto que estavam estudando, sendo

capazes de formar opiniões próprias sobre o objeto e de contribuir para a formação do seu conhecimento, posto que estariam opinando e formando conceitos sobre um determinado objeto. Verificamos essas premissas quando Remer e Stentzler (2009, p. 2) afirmam que o método intuitivo “consistia na valorização da intuição como fundamento de todo o conhecimento, isto é, a compreensão de que a aquisição dos conhecimentos decorria dos sentidos e da observação”.

O ensino primário moderno pautado nos métodos intuitivos, base da organização dos grupos escolares, iria significar a ruptura com o atraso e com a desorganização da escola herdada no Império, ou seja, as escolas rudimentares, como afirma Faria Filho (1998, p. 137).

No Rio Grande do Norte (RN), os grupos escolares foram implantados em 1908. Em 1907, o governo era autorizado pela Lei n. 249, de 22 de novembro, a reformar a instrução pública do Estado. Em março do ano seguinte (Decreto n. 174) criava-se o primeiro grupo norte-rio-grandense denominado de Grupo Escolar Augusto Severo. Pelo decreto n. 178, de 29/04/1908, determinava-se o estabelecimento de, pelo menos, um grupo em cada sede de comarca e uma escola mista em cada um dos outros municípios do estado. Em cinco anos, foram criados 24 grupos escolares no RN, nem sempre com prédio e estrutura organizacional própria e adequada, segundo Azevedo e Stamatto (2012, p. 40-41). A implantação dos grupos escolares vinha acompanhada de mudanças nos métodos para o ensino primário.

As autoridades escolares defendiam um ensino fundamentado em processos intuitivos (intuição), os quais sobrepujam os fundamentos psicológicos aos filosóficos como base para a elaboração de métodos de ensino. Discussões sobre métodos emergem na modernidade de forma significativa e são necessárias para a compreensão dos processos de escolarização. O método orientador da cultura escolar dos grupos norte-rio-grandenses era o método intuitivo, construído a partir de diversas propostas e iniciativas que, de modo geral, conforme Valdemarin (2000, p. 74-87), apontavam que: "o ato de conhecer tem início nas operações dos sentidos sobre o mundo exterior, a partir das quais são produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos que constituem a matéria-prima das ideias".

A prática escolar baseada no método intuitivo, segundo Carvalho (1989, p. 31-32), "queria-se fundada na observação de cada aluno, na experiência de cada situação, na concatenação minuciosa dos conteúdos de ensino pacientemente isolados e colecionados no cultivo de cada faculdade da criança numa ordenação que se pretendia fundada na natureza". Podemos, assim, afirmar que a aprendizagem deveria ser feita através das coisas e das experiências. As coisas seriam os objetos de conhecimentos pelos alunos e o conhecimento seria resultante das percepções sobre os objetos proporcionados pelos sentidos a partir dos quais as ideias seriam desenvolvidas. Além desses pressupostos, para os benefícios dos processos metodológicos intuitivos, conforme Azevedo (2009, p. 74), "[...] a experiência baseada nos sentidos deveria ser associada à recreação e ao prazer, estratégia para o desenvolvimento da criatividade dos alunos com o fito de levar à educação intelectual".

O regulamento do Grupo Escolar Augusto Severo, primeiro grupo implantado no estado, estabelecia além do método de ensino intuitivo (Art. 15) e da instrução moral destinada à formação do caráter (Art. 16), a educação física por meio de jogos recreativos e higiênicos e com exercícios de ginástica sem aparelhos (Art. 17).

Os grupos escolares seriam modernos, renovadores, científicos e racionais, como afirmam Azevedo, Bombassaro e Vaz (2011, p. 304), fazendo com que fosse edificada uma nova cultura escolar brasileira e que modelasse as condutas de um homem que o Brasil necessitava: um cidadão com o corpo forte e sadio. Para isso, os grupos incorporaram novas atitudes como intervir nos comportamentos dos alunos, além da estrutura de sua personalidade e corrigir seus corpos e modificá-los de acordo com os preceitos republicanos do início do século XX, visto que, o corpo deveria ser reorientado para os fins sociais desejáveis, já que a sua educação visava "tornar o ser humano mais resistente, sob o ponto de vista físico e intelectual" (SAMMY, 1946, p. 33 *apud* AZEVEDO, BOMBASSARO e VAZ, 2011, p. 308).

A reforma feita no ensino primário, no Rio Grande do Norte, com a inserção do método de ensino intuitivo, orientava que os grupos escolares deveriam ser fiscalizados pelos inspetores de ensino, seus professores deveriam ser profissionais habilitados pelas escolas normais, deveriam ter um programa de ensino para ser seguido, e possuir mobiliário adequado e

higiênico para os alunos. Como instituições de ensino em processo de implantação, a fiscalização não teria a função de depreciação e punição públicas no caso de algum grupo escolar apresentar irregularidades em seu funcionamento. A intenção era que o serviço de inspeção do ensino consistisse em ferramenta da diretoria de instrução pública para coordenar o ensino primário nos grupos visando a sua construção e o seu melhoramento, estabelecendo assim, a união entre a direção e os docentes, como deseja mostrar o relatório sobre inspeção escolar, de autoria de Nestor dos Santos Lima, do Departamento de Educação de 1924:

O serviço de inspeção técnica e de fiscalização administrativa que incumbe ao Departamento realizar sobre todas as instituições educativas no Estado, vai sendo feito com a possível regularidade e accentuados proveitos. [...]  
[...] Mais célere, menos rígida, mais branda e mais coordenadora, a inspeção técnica tem de visar o melhoramento e a construção, nunca demolir ou castigar - é ella um traço de união entre a direção suprema e as instituições docentes, para o constante desenvolvimento destes e para o completo exito daquela. (LIMA, 1924)<sup>1</sup>

Ao regulamentar o ensino, os administradores públicos pensaram em meios de verificação dos resultados dos propósitos reguladores. O serviço de fiscalização passava a ser instituído com o intuito de que comportamentos fossem observados e reorientados, isso tanto no que se refere aos alunos quanto no que diz respeito aos profissionais do ensino, sobretudo, os professores. O foco de todo o trabalho seria o incentivo e a promoção de princípios de ordem, dever, trabalho e disciplina de mentes e corpos. Como afirmam Azevedo e Stamatto (2012, p. 93):

Objetivava-se que, por meio da inspeção e da fiscalização das instituições de ensino, tudo fosse mantido em ordem, e a uniformidade de comportamentos e do ensino fosse conquistada. Essa era uma grande meta a ser alcançada, juntamente com uma série de outras atribuições: silêncio, postura correta e ocupação constante com trabalhos exclusivos do programa de ensino. Tudo isso visava, entre outros objetivos, a individualizar o trabalho dos alunos e a racionalizá-lo para que, se tornando mais ágil, atendessem às rápidas mudanças do mundo moderno.

Para sabermos se realmente o que estava prescrito na lei ou no cronograma das aulas estava sendo realizado nos grupos escolares, foi preciso pesquisar também na imprensa da

época. O foco recaiu no Jornal “A Republica” do ano de 1910 a 1930, único do período disponível para pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico do RN. Buscamos verificar notícias, reportagens e notas que descrevessem o que estava ocorrendo no ensino público. A intenção era aproximarmo-nos das práticas escolares. A história das práticas é, como bem declara Julia (2001, p. 15), “a mais difícil de se reconstruir por que ela não deixa traço, o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito?”. Sem imagens fotográficas que nos auxiliasse na identificação de traços das práticas corporais vivenciadas nos grupos, buscamos trabalhar com registros escritos de diferentes formatos e procedências.

No registro do Grupo Escolar Almino Affonso, Martins-RN, em 1911, publicado pela imprensa da época, ficou evidente a satisfação pela execução da reforma do ensino e a construção dos grupos escolares em substituição às antigas escolas que eram consideradas em desacordo com as normas pedagógicas:

[...] Compreendo sem duvida esta verdade. O povo norte-riograndense vem colaborando na contrução desse grande edificio cujas bases foram em boa hora lançadas pelo espirito patriota do dr. Alberto Maranhão com sua Reforma do Ensino que determinou a criação de grupos escolares em substituição ás antiga escholas, em perfeito desaccordo com as normas pedagógicas [...]. (O ENSINO - Grupo Escolar “Almino Affonso”. *A Republica*. Natal, 12 de dez. 1911, n. 264, p. 01).

O período de implantação os grupos foi o mesmo daquele voltado para um processo de urbanização das cidades, sobretudo, as capitais dos estados. Quando da criação dos grupos, a capital Natal-RN contava com poucos bairros. Conforme Câmara Cascudo (1980, p. 74-77) os dois primeiros bairros foram Ribeira e Cidade Alta. Em 1901, criava-se o terceiro bairro, o chamado Rocas, e dez anos depois, o quarto, o Alecrim. A partir de então, a cidade viveu intenso crescimento urbano. Segundo Cascudo, a população da cidade dobrou entre 1890 e 1912, passando de 13.725 para aproximadamente 30.000 pessoas. A atenção à urbanização foi acompanhada dos preceitos higienistas, os quais influenciaram também a construção dos prédios públicos, entre eles os dos grupos escolares, preocupação que podemos relacionar com a educação corporal como descreve Julião (*apud* VAGO, 1999, p. 32):



Não bastava desinfetar coisas e lugares, era necessário implantar higienicamente os corpos. Ou seja, esquadrihar a população, distribuir hierarquicamente os indivíduos no espaço de modo a cercar contatos, vistos como promíscuos e insalubres. Princípios médicos como aeração, ventilação, distribuição racional dos indivíduos se traduziam na Urbanística em espaços abertos e mensurados, corredores de ar e luz traçado geométrico e ordenado.

Um ano após a inauguração dos grupos escolares (1909) no Rio Grande do Norte, já se contavam oito em funcionamento. O da Capital (Grupo Escolar Augusto Severo) foi construído com alas diferenciadas para meninos e meninas. Moreira (2005) registra que o ambiente escolar foi concebido com salas de aula amplas e salas para administração, geralmente no centro do prédio, com banheiros masculinos e femininos, com pátio para recreação e ginástica, murado e com todos os ambientes separados por sexo e hierarquia, inclusive com portas de entrada e saída laterais separadas para meninos e para meninas e a principal para a direção e as autoridades. Diante de uma organização espacial neste formato, percebemos mecanismos de disciplinarização corporal, os quais levavam as crianças a introjetarem noções de ordem, hierarquia, disciplina e de gênero.

A construção de espaços específicos para as instituições de ensino primário (grupos escolares) tem influência direta sobre a escolarização dos corpos das crianças, higienizando-os e definindo e mesmo hierarquizando relações entre os sujeitos. A organização arquitetônica em si já se constituía em uma forma de organização das ações dos sujeitos ao discipliná-los sob condicionantes espaciais.

No Código de Ensino de 1913, no Rio Grande do Norte, previam-se banheiros com fossas sépticas ou reservatórios estanques (Art. 48) e que nenhuma instituição escolar poderia ser inaugurada sem o parecer de seu respectivo inspetor de ensino, depois de rigorosa verificação (Art. 51). A preocupação da administração pública era também externa aos prédios escolares. O Código de Ensino de 1916 determinava por sua vez que, tais edificações deveriam ser construídas no centro de terreno elevado e seco, sem ligação com outros prédios, devendo ficar situados fora dos centros urbanos de grande movimento e da vizinhança de estabelecimentos comerciais ou casas de diversões que pudessem prejudicar a frequência e a moralidade escolar (Art. 12).

Os prédios escolares foram um dos alvos prediletos para a difusão do ideário republicano, conforme Azevedo e Stamatto (2012, p. 32), segundo as quais: "[...] A atenção à forma espacial na cultura escolar, representada pelos grupos escolares, pode ser considerada fator de influência nas práticas de sociabilidade dos sujeitos que frequentavam tais instituições de ensino, desembocando em um processo de transmissão de cultura". Neste processo, os corpos eram definidos, exercitados e orientados a transmitir noções de saúde, higiene, harmonia, equilíbrio, ordem e beleza. Nesse sentido foi que os grupos escolares foram espaços, inclusive, para a promoção de atividades físicas específicas direcionadas para meninos e meninas do início do século XX.

Segundo Pinto (2003, p. 79) o pressuposto, para a intervenção educativa era a noção que intervindo sobre uma suposta *natureza moldável* da criança iria formar e constituir o adulto que seria capaz de elaborar e pensar racionalmente sobre o mundo que o circundava. A escola tinha o objetivo de civilizar, por meio da ciência e da técnica, da racionalização e do trabalho. Sendo assim, ela era um ambiente de disciplinarização, ordenação e higiene de hábitos e comportamentos, como declaram Azevedo, Bombassaro e Vaz (2011), tendo o objetivo de modificar a necessidade "natural" de um sujeito, ou seja, a sua própria natureza para um sujeito educado e civilizado que se propunha naquela época.

Dessa forma, os grupos escolares, com seus métodos de ensino e práticas próprias de uma nova cultura escolar, seriam veículos promotores de transformação social pela indução de novos comportamentos e atitudes. A cultura escolar dos grupos proporcionava, assim, condições de intervenção na própria natureza e essência humanas de um sujeito para a sua possível progressão. Segundo Azevedo, Bombassaro e Vaz (2011, p. 307):

Por vezes, as justificativas de novas práticas didáticas passaram a centrar-se numa compreensão de que a escola deveria ser o vetor de transformação social pela indução de novos modelos de comportamento, sociabilidade, higiene e até de uso do tempo livre, buscando concentrar nas mãos dos professores a possibilidade de intervir com eficiência na "natureza" do indivíduo.

Além disso, a escola seria responsável por preparar o corpo para a vida na modernidade, saneando-o e dominando as suas paixões. Ou seja, por meio da escola, os sujeitos teriam seus

corpos corrigidos tanto em termos de comportamentos racionais quanto emocionais. Expectativas escolares e mesmo extraescolares eram alvo dos preceitos de escolarização dos corpos. Ensinaamentos relativos a princípios de honestidade, bondade e justiça eram relacionados à prática de exercícios de ginástica, destinada a desenvolver os músculos e aprimorar tanto o físico quanto os aspectos psíquicos dos indivíduos com o intuito de acabar com os seus excessos emocionais.

As ações direcionadas à educação do corpo apontavam a necessidade de ensinar os alunos a se comportarem desde cedo em sociedade, além de aprenderem, também desde cedo, a trabalhar e ter amor ao seu trabalho, no sentido de ter a compensação do esforço intelectual e de saber que estará contribuindo para o desenvolvimento do seu país. Os meninos teriam contato com exercícios físicos voltados à força e rigidez, com aspectos mais militares. As meninas, por sua vez realizariam exercícios físicos de ginástica, mais delicados e com atenção a trabalhos manuais e domésticos.

Evidenciamos um crescente interesse pelo corpo nos processos de modernização pedagógica. Azevedo, Bombassaro e Vaz (2011, p. 305) mostram, por exemplo, como foi marcante a atenção dada desde a sexualidade até os exercícios físicos, passando pelos hábitos de higiene até a demarcação das feminilidades e das masculinidades nas escolas. No projeto de modernização escolar mentes e corpos foram trabalhados no sentido de demarcação de novos tempos, nos quais se buscava distinção de um passado imperial e considerado retrógrado.

O lema do início do século XX, como afirmam Oliveira e Linhales (2011, p. 398) era a ciência, o progresso, a nacionalidade e o trabalho que iriam compor os discursos e as práticas sobre e educação escolar sobre o corpo da sociedade, que deveria levar a experiência e a herança de um mundo civilizado, desenvolvido e científico, ou seja, a educação do corpo deveria regenerar a sociedade e reformar seus costumes moldando os tempos, espaços, sujeitos, objetos e, também, os corpos.

A escolarização nos grupos escolares não era apenas de conhecimentos consubstanciados nas matérias escolares, ela era também dos corpos. Assim, os grupos tiveram um papel primordial para consolidar saberes, práticas, disciplinas e costumes, visto que era

naquele espaço, com uma nova cultura escolar considerada moderna que os corpos iriam ser escolarizados para se relacionar com a sociedade, tendo como base, fortemente, a atenção ao desenvolvimento físico.

### **Exercícios físicos nos grupos do Rio Grande do Norte**

Nos grupos escolares do Rio Grande do Norte do início do século XX, uma das pretensões era que fossem inseridos nos corpos dos alunos novos comportamentos e atitudes. Sobre os corpos das crianças deveria atuar a nova instituição republicana com a sua cultura escolar moderna, como afirmam Vaz e Oliveira (2004, p. 16). Compreendemos cultura escolar nos moldes definidos por Julia (2001, p. 10), segundo o qual, tal cultura significa um "conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos".

O propósito dos cuidados com os corpos transformou os exercícios não só em uma prática escolar importante para a formação do cidadão republicano, mas também em uma prática vista como elemento benéfico à moral de um indivíduo, já que a realização dos exercícios e da ginástica contribuiria para evitar pensamentos e ações consideradas promíscuas e anti-higiênicas.

Dessa forma, o corpo, como declaram Vaz e Oliveira (2004, p. 16), passa a ser um motivo de preocupação, devido à importância de formar e fortalecer o cidadão, mas também o operário para o trabalho nas indústrias. Isso em decorrência do processo de industrialização ocorrido no País do início do século XX. Era dever da escola enfrentar os desafios da sociedade moderna com o intuito de inculcar hábitos, costumes, comportamentos e valores de um novo regime governamental: republicano, moderno, industrial, urbano e civilizado.

Os exercícios físicos, *a priori*, eram chamados de ginástica ou de exercícios calistênicos. A princípio, os exercícios de ginástica eram oferecidos ao sexo masculino. Para os meninos ocorriam trabalhos de técnicas corporais sistematizadas com atividades consideradas necessárias para defender a pátria, já que eram ensinadas práticas militares, como podemos

observar no Grupo Modelo Augusto Severo, Natal-RN, no ano de 1911, no qual o curso masculino realizou exercícios de ginástica na solenidade de premiação dos alunos, como demonstra o registro publicado na imprensa da época:

[...] O curso masculino, sob a direcção do professor Tavares Guerreiro realizou, em seguida, um interessante exercício de gymnastica de flexionamento que foi muito apreciado, tocando ao piano a professora Ecila Cortez, durante o mesmo, a *Serenata húngara de jociéros* [...]. (O ENSINO - Grupo Modelo “Augusto Severo”. *A Republica*. Natal, 04 de dez. 1911, n. 258, p. 01).

Já no Grupo Escolar Frei Miguelinho, Natal-RN, o término das festas escolares ocorreu com a distribuição dos prêmios aos alunos do bairro do Alecrim e depois do discurso do professor Luiz Soares, foi feito ao ar livre, em uma área em frente ao grupo escolar, os exercícios de ginástica sueca e de esgrima por uma turma elementar masculino:

[...] Terminando o discurso do professor Luiz Soares seguiram-se, ao ar livre, na area em frente ao grupo, os exercicios de gymnastica sueca e de esgrima, por uma turma de alumnos do curso elementar masculino, sob a direcção do professor Candido de Souza, que mostraram muito interesse e um bem pronunciado aproveitamento nesses salutaes exercicios iniciados ha poucos mezes naquelle grupo [...]. (A FESTA do Grupo Escolar “Frei Miguelinho”. *A Republica*. Natal, 01 de dez. 1916, n. 268, p. 01).

No Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, em 1911, na cidade do Assú-RN, depois da solenidade de distribuição de prêmios aos alunos que se destacaram nas atividades escolares, houve exercícios de ginásticas em frente à Matriz como mostra o registro do jornal “A Republica”: “No largo da Matriz, houve exercícios de gymnastica dirigidos pelo Sr. Luiz Soares.” (O ENSINO – Grupo Escolar “Tenente Coronel José Correia”. *A Republica*. Natal, 05 de dez. 1911, n. 259, p. 01).

Do Grupo Escolar Almino Affonso, Martins-RN, em 1911, era possível percebermos a disciplina que se implantava nos corpos das crianças. Nas festas escolares que poderiam ser uma comemoração patriótica, solene e recreativa, a presença dos exercícios físicos era constante. No dia da Proclamação da República, 15 de novembro, os alunos deste grupo escolar foram às ruas desfilarem e exercitar o amor à Pátria, realizando ritos como o entoar do hino nacional com as

bandeiras hasteadas, fardados e fazendo exercícios físicos como mostra o registro do jornal “A Republica”:

[...] QUINZE DE NOVEMBRO, a data da proclamação da Republica, teve festejada commemoração. As ruas e o edificio do grupo Escholar achavam-se embandeirados. A’S seis horas da manha foi hasteada a bandeira nacional ao som do hymno cantado pelas creancas, que se elevam a cerca de cento e vinte. A’S oito, na praça da Conceição, formou uma campanha militar composta de alumnos do Grupo, devidamente uniformizados, que se fez exercicios phisicos e manobras militares sob a direcção dr. Miguel Castro [...]. (O ENSINO - Grupo Escholar “Almino Affonso”. *A Republica*. Natal, 12 de dez. 1911, n. 264, p. 01).

A ginástica como uma prática escolar seguiu o exemplo, principalmente, da ginástica sueca criada no início do século XIX pelo sueco Per Henrick Ling. Em 1805, o sueco, professor de esgrima, encontrava-se com uma paralisia no braço e tinha predisposição a ter tuberculose. Com a finalidade de combater e fortalecer a sua saúde, Ling resolveu fortalecer seus pulmões através de respirações profundas e com movimentos de braços. Foi a partir disto que surgiu a ginástica sueca, que como afirma Moreno (2006, p. 01) foi pensada como um método racional e prático para o desenvolvimento e robustecimento dos diversos órgãos do corpo humano.

O método da ginástica sueca consistia em quatro tipos de atividade física: a pedagógica (com o objetivo de manter a saúde da população e evitar doenças ou defeitos de posturas e vícios); a militar (baseada em exercícios característicos dos militares, como a esgrima e o tiro, tendo como objetivo preparar o cidadão para defender sua Pátria); a médica (com a finalidade de prevenir e eliminar doenças ou posturas e curar as enfermidades) e a estética (busca desenvolver o organismo com o objetivo de dar ao corpo movimentos suaves, proporcionando beleza ao corpo). Contudo, a ginástica continha exercícios de ordem e de marcha, movimentos ginásticos propriamente ditos e jogos que tinham o objetivo de desenvolver o corpo e o organismo harmonicamente com atividades que emprestavam graça e beleza ao corpo, como dança e certos movimentos suaves, segundo afirmam Azevedo e Stamatto (2012, p. 184).

A ginástica sueca educava o modo de ser, atuava no esforço, na atenção e na vontade de um indivíduo, já que ele iria adquirir uma força e energia para cumprir com seus deveres e o

seu trabalho perante a sociedade, sem fraqueza nem desânimo. A prática da ginástica sueca visava afastar os vícios e paixões que a sociedade tinha, como afirma Moreno (2006, p. 05):

A ginástica localiza-se no real. É no trabalho físico que se concentra a atenção da ginástica, acreditando - se que a formação do caráter pode ser resultado de um trabalho físico, orientado pela atenção e pela vontade, dotando o indivíduo de um poder consciente e absoluto sobre ele mesmo e sobre seus atos. Racionalizando o movimento e conseqüentemente o modo de ser e agir em sociedade, ficam os indivíduos afastados dos maus comportamentos, advindos da imaginação, da fantasia, dos sonhos estéreis, tornando-se o homem um ser prático e utilitário.

A ginástica deixava os indivíduos com o corpo esteticamente belo, forte e saudável, visto que seguiam os preceitos higienistas para alcançar a harmonia em todo o corpo, adquirindo postura e elegância a serem seguidas. Por isso ela era obrigatória, como podemos observar na Lei Orgânica do ensino no Rio Grande do Norte, n. 405, de 29 de novembro de 1916: "X. A gymnastica educativa é obrigatória, sendo porém, evitados os respectivos exercícios, em seguida às refeições [...]". (RIO GRANDE DO NORTE, 1918).

Por meio da ginástica sueca buscava-se moldar o corpo dos indivíduos, fazendo com que eles carregassem a moral de um bom cidadão e a virtude cívica do período republicano. Por este motivo, ela deveria ser rigorosa, precisa e racional atendendo a dois fins: o primeiro, da energia moral pela atenção e vontade; e o segundo, da energia física pela mecânica de execução. Ou seja, ela iria fazer com que os alunos adquirissem conhecimentos tanto na aprendizagem que iriam ter ao serem ensinados sobre a ginástica, resultando assim, na construção da moral e do caráter de um cidadão, quanto na necessidade que o aluno tinha de praticar algum exercício físico para fortalecer seu corpo, vivendo melhor e mais saudavelmente abdicando de vícios, como declara Moreno (2006, p. 04).

Os exercícios calistênicos eram exercícios físicos que a princípio eram direcionados para o sexo feminino, beleza e força era o que se pretendia. Os exercícios seriam rítmicos ou livres, sem nenhum tipo de aparelho. Segundo Marinho (*apud* VAGO, 1999, p. 263) os exercícios calistênicos tinham objetivos:

Os objetivos a que se propõe a Calistenia são de duas ordens: higiênicos e educativos. Os primeiros estão representados pela saúde e correta postura corporal, enquanto os últimos pelo maior controle neuro-muscular e melhor eficiência mecânica, aqui se incluindo o equilíbrio e a destreza.

Caso em algum grupo escolar os exercícios calistênicos não estivessem sendo executados de modo rítmico ou livre, os inspetores de ensino recomendavam urgentemente a correção a essa prática de exercícios, como mostra o registro do jornal “A Republica”, em 1920, sobre o Grupo Escolar Joaquim Nabuco, Vila de Taipu-RN: “As marchas e exercícios callisthenicos reclamam também que sejam feitos com mais rythmo, cadencia e uniformidade.” (Pelo ensino – Visitas escolares – Grupo Escolar “Joaquim Nabuco”. *A Republica*, Natal, 1920, n. 195, p. 01).

Segundo o dicionário etimológico de Antonio Geraldo da Cunha (*apud* CORRÊA, 2002, p. 14) o termo Calistenia vem do grego Kallistenés que significa “cheio de vigor” (Kallós – belo + sthenos – força + sufixo ia). Na Grécia os exercícios calistênicos tinham o objetivo de encontrar no ser humano uma forma de beleza física, no corpo, e na moral, o que constituiria o caráter de um indivíduo, sendo assim, a busca pela perfeição harmoniosa e o equilíbrio do corpo era o que pretendia a calistenia.

Nas enciclopédias americanas a calistenia era definida como um conjunto de exercícios feitos livremente que poderia ser com a ajuda de instrumentos ou não, com o intuito de construir nos corpos das pessoas a coordenação, a flexibilidade e a força, como afirma Pithan e Silva (s/d *apud* CORRÊA, 2002, p. 17) quando declaram que: “A arte de exercitar os músculos, com fim de adquirir saúde, força, elegância de porte e movimento”, são práticas essenciais da calistenia.

Outra visão da definição da calistenia pode ser definida como um conjunto de exercícios que sirvam para dar suporte a um corpo que aguarde os impactos ocasionados pela vida urbana, como declara Ribeiro Junior (1955 *apud* CORRÊA, 2002), fazendo com que o indivíduo tenha uma boa saúde, adquira força, além de manter a beleza de seus movimentos. Com isso, a calistenia iria, de acordo com Amaral (1965 *apud* CORRÊA, 2002, p. 19), “fortificar os órgãos para ativar sua função”, tornando os exercícios calistênicos uma forma de melhorar a saúde de um indivíduo para ele produzir economicamente para o seu país.



A calistenia era entendida como uma junção de exercícios que não necessariamente precisaria de aparelhos, posto que eram exercícios livres. Deveriam ser feitos com o acompanhamento de música, visto que eram exercícios ritmados que exigiam beleza ao movimentar o corpo. Baseava-se em exercícios simples que faziam com que o corpo se exercitasse com o intuito de trazer ao corpo dos indivíduos o bem estar físico e mental.

Por tudo isso, os exercícios calistênicos poderiam contribuir para a higiene, a educação e a recreação dos alunos dos grupos escolares norte-rio-grandenses. Com a higiene, os alunos dos grupos iriam aprender a viver de forma mais saudável, exercitando seus corpos para livrar de doenças ou males da sociedade, fazendo com que ao se tornar um trabalhador, entrando em contato com os problemas advindos das mudanças ocorridas na sociedade moderna como declara Dr. Dia Lewis e o Dr. Willian Skarstrom (*apud* CORRÊA, 2002, p. 33), pudesse gerar lucro ao seu país, visto que manteriam seus corpos saudáveis com a prática dos exercícios calistênicos. Com a educação, os discentes dos grupos escolares iriam aprender a se tornar um cidadão com boa conduta, e conseqüentemente de boa moral, fazendo com que obtivessem uma postura adequada, mais atenção e concentração, além de adquirir uma conduta trabalhadora. Com a recreação, os alunos iriam relaxar entre matérias que exigissem muito esforço intelectual, fazendo com que os discentes dos grupos tivessem um pouco de descontração e descanso físico entre horários que exigissem mais do intelecto deles.

O corpo e a mente deveriam ser alvos do ensino, dando o primeiro, suporte à segunda. Dessa forma, a disciplina rígida, e aspectos corporais como os hábitos posturais seriam estratégias para delinear um modelo de corpo e postura para uma criança. Segundo Pinto (2003, p. 82):

Corpo e mente devem ser tratados, pedagogicamente, de maneira diferenciada, cabendo ao primeiro ser subjugado e tornado acessório do segundo. De um lado, a disciplina rígida, a imposição de hábitos posturais e de movimentos precisos permeados pela atitude racional, a obediência aos adultos *racionais*, [...] são algumas das estratégias desencadeadas para conformar a corporalidade infantil a um modelo de racionalidade a qual se espera que a criança ascenda.

O corpo era o alvo que o governo republicano queria atingir. O corpo era instrumento de sentidos, significados e simbologias culturais. Dessa forma, investir, ensinar, educar, moldar e disciplinar um corpo, através dos sentidos e de novas sensibilidades, representaria reconhecer o lugar fundamental dele na sociedade, já que neles iriam ser investidas as potencialidades morais, intelectuais e físicas. Os grupos escolares foram cenários nos quais os corpos foram construídos. Como declaram Oliveira e Linhales (2011, p. 392):

Nesse movimento, opera-se uma relação de trocas, de apropriações e negociação de sentidos e significados culturais. Nessa acepção, parece-nos necessário ressaltar que um investimento na educação do corpo representaria reconhecer seu lugar fundamental na realização da utopia do esclarecimento, uma vez que sobre e pelo corpo seriam elevadas as potencialidades morais e intelectuais dos indivíduos submetidos à escola.

A prática dos exercícios físicos era essencial e de importância tanto para o governo quanto para a sociedade, pois o intuito era o de formar indivíduos de caráter e de moral de acordo com o cenário republicano do início do século XX. Era através da educação física (ginástica e calistenia) que os corpos dos alunos seriam educados com ideal patriótico para que todos se dispusessem a trabalhar com energia para o progresso do país, como declara Herold Júnior (2005). Sendo assim, ao educar o corpo, educava-se as suas atitudes, seu esforço e trabalho para produzir e desenvolver o seu país além de inculcar na sociedade uma prática corporal que escolarizava e educava os corpos da população republicana. No Grupo Escolar Padre Cosme, São Miguel-RN, o inspetor de ensino Amphiloquio Câmara, em 1920, afirmava que as vantagens que o ensino moderno pautado no método intuitivo trazia relacionavam-se a grandes benefícios ao intelectual dos alunos. Através de exercícios práticos e racionais que o fariam pensar por si sós, traziam também, o benefício ao corpo e à saúde dos alunos algo considerado tão importante para o espírito

[...] E essa assistência, que muito me alegrou, repetiu-se cada vez maior, nos três dias de minha inspeção, aproveitando eu, então a oportunidade para, à medida que as lições do dia iam se sucedendo, expor aos presentes as vantagens do ensino moderno, por meios práticos e racionais, e bem assim a necessidade do canto e exercícios físicos, tão úteis à saúde do corpo com a

do espirito [...]. (PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Padre Cosme. *A Republica*. Natal, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 01).

Podemos observar essa preocupação e a importância dessa prática, quando identificamos em registros sobre os grupos, muitos deles publicados na imprensa da época, a realização inadequada dos exercícios físicos, diante do que orientavam os inspetores de ensino aconselhando à docente e ao diretor do grupo escolar a corrigir ou a dar mais ênfase aos exercícios físicos. No Grupo Escolar Alberto Maranhão, Nova Cruz-RN, em 1918, o registro feito pelo inspetor de ensino mostra a preocupação com os exercícios físicos e o aconselhamento ao corpo docente do grupo a melhorar tal prática primordial para o físico, a moral e o desenvolvimento intelectual de um cidadão republicano:

[...] Quanto á conducta dos alumnos em classe, ainda deixa alguma coisa a desejar, devendo tambem recommendar aqui á regente da cadeira um pouco mais de vibração nos exercicios phisicos nas conversações que tem de estabelecer com os educandos para o ensino e correcção da linguagem. Que a professora d. Alice de Paula mostre e prepare, com antecedencia, as lições a ministrar - são os meus conselhos, pois só assim poderá prestar ao ensino todos os serviços de que seja capaz. Escola Isolada Masculina do grupo escolar <Alberto Maranhão>, em Nova Cruz, 9 de Abril de 1918. [a] Amphiloquio Carlos Soares da Camara, Inspector de ensino. (CÂMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Alberto Maranhão>. *A Republica*. Natal, 22 de abr. 1918, n. 90, p. 02).

No Grupo Escolar Joaquim Nabuco, Vila de Taipu-RN, em 1920, a recomendação que o inspetor de ensino fazia era a respeito de como deveriam ser realizados os exercícios físicos dos alunos, com a finalidade de mostrar às professoras como tais exercícios bem como a prática da calistenia deveriam ser realizados:

[...] Quanto aos exercícos phisicos, recomendo a regente da cadeira que evitem as crianças pisarem com força ou arrastarem os pés, levantando, assim, durante as marchas, grande quantidade de pó do tijolo, e diga por parte das educandas movimento igual, prompto e – na callistenica. Contanto que a preceptora tomará a devida consideração as recomendações aqui feitas e as que verbalmente ministro [...]. (PELO ensino – visitas escolares - Grupo Escolar “Joaquim Nabuco”. *A Republica*. Natal, 01 de set. 1920, n. 195, p. 01).

Porém, não eram só as irregularidades da prática dos exercícios físicos que eram mostradas nos registros dos jornais, também eram publicizados os grupos escolares que bem desempenhavam os exercícios físicos em conformidade com o que intelectuais e administradores públicos, no início do século XX, queriam disseminar no ensino primário.

No Grupo Escolar Capitão Mór Galvão, Currais Novos-RN, em 1918, os exercícios físicos estavam sendo executados de acordo com o que se queria no período, ou seja, incutir nos cidadãos uma sensibilidade corporal para além das paredes de uma sala de aula:

[...] Os livros de leitura usados na escola teem aprovação official, e os exercicios phisicos, excepção das marchas, vão sendo feitos com methodo bem como os trabalhos de desenho e escripta, embora notasse a falta de uniformidade que havia nos cadernos adoptados para esse fim, alguns até mal asseitados [...]. (PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Capitão Mór Galvão. *A Republica*. Natal, 07 de ago. 1918, n. 175, p. 01).

No Grupo Escolar Thomaz de Araújo, Acari-RN, em 1918, também era visto que a preocupação de difundir o ensino e os seus benefícios para toda a sociedade, era de importância para o governo republicano que implantou o ensino primário, com os grupos escolares, de modo a mostrar para a população o que, de fato, estava ocorrendo e os benefícios que a sociedade estava ganhando ao realizar os exercícios físicos, como demonstra o registro a seguir: “[...] Os exercicios phisicos e exatos tambem são ensinados com pontual: dado e evidente resultado, maximé nas duas secções superiores. E’ bôa a conducta revelada pelos meninos, que são attenciosos, asseitados e activos [...]” (PELO ensino – visitas escolares – Grupo escolar <Thomaz de Araujo>. *A Republica*. Natal, 08 de ago. 1918, n. 176, p. 02).

Sendo assim, o corpo deveria ser transformado pelos ideais republicanos, produzindo uma sensibilidade corporal da escola que seria: guardar na memória, repousar no espírito, divertir e fortalecer, como afirma Vago (1999, p. 61), tendo o objetivo de retirar os males e os vícios que estavam entre as crianças, sobretudo, as pobres.

A cultura da população pobre não era vista como adequada ao convívio social do novo modelo escolar (grupos escolares) já que parte dos hábitos dessas populações era considerada como vícios, cabendo à educação retirar os males. Era preciso que com a instrução pública

mediante normas e regras a serem seguidas, com moderno método de ensino e com os profissionais normalistas (formados pela Escola Normal), as crianças se tornassem alunos, amassem suas famílias, respeitassem os outros, tivessem disciplina, moral e fossem patrióticos como afirma Faria Filho (*apud* VAGO, 1999, p. 64). Com isso, os corpos das crianças seriam transformados e iriam sentir, no seu cotidiano, as mudanças na sociedade.

Segundo Vago (1998), ao estudar a prática dos exercícios físicos nas escolas de Minas Gerais, a nova cultura escolar iria escolarizar os corpos dos alunos, com o objetivo de transformar os corpos raquíticos, fracos e sem hábitos, em corpos belos, fortes, saudáveis, higiênicos, ativos, racionais estabelecendo laços com vários dispositivos que envolviam o grupo escolar. Tudo isso daria suporte para um melhor desenvolvimento dessa prática na nova cultura escolar. Como Vago afirma, essa prática

Deveria cultivar um corpo belo, forte, saudável, higiênico, ativo, ordeiro, racional [...]. Para essa ‘educação physica’ das crianças, em sentido alargado, muitos dispositivos foram mobilizados. O primeiro deles foi a construção de prédios próprios para as escolas, imponentes, majestosos, higiênicos e assépticos – os grupos escolares- considerados templos do saber [...]. (VAGO, 1999, p. 30-51).

Por isso, o dever da escola era de construir e moldar nos corpos dos alunos o cultivo de exercícios físicos para que só assim, formasse um cidadão coerente com a época republicana, ou seja, a escolarização dos corpos internalizava regras e valores estabelecidos por toda a realidade que os rodeava, como afirma Soares (*apud* MENDES, 2004, p. 03). Buscava-se que o corpo dos escolares recebesse diversos elementos capazes de melhorar sua performance, como declara Mendes (2004), tendo o intuito de educar um indivíduo pelo o seu jeito de andar, de se comportar, de se sentar, enfim, de viver.

Compreendemos, por meio do estudo da prática dos exercícios físicos, aspectos constituintes da cultura escolar dos grupos norte-rio-grandenses. Em grande medida, muito contribuiu o contato com a fonte de pesquisa jornal. Ressaltarmos, assim, a importância deste tipo de fonte como suporte para uma possível compreensão da realidade nos grupos escolares; possível devido ao fato de que o jornal, como dizia o seu slogan, era “Orgão Official dos Poderes

do Estado”. Isso poderia acarretar em publicações apenas favoráveis aos administradores públicos, poderia ocorrer de o órgão de imprensa e, ao mesmo tempo, de agremiação política, só publicizar o que o governo quisesse mostrar para a população. Porém, ao lermos os registros publicados sobre a instrução pública, é possível observarmos que mesmo sendo um jornal governista e partidário, deixava transparecer o que ocorria dentro dos grupos escolares e o que não ocorria nestes estabelecimentos de ensino. A publicação de transcrições de *Termos de Visita*, sobretudo, de inspetores de ensino, contribuía para isso.

Com isso, foi possível percebermos a preocupação com o ensino público de qualidade que se estava querendo implantar naquela época, por exemplo, se os exercícios físicos não estivessem sendo realizados em um determinado grupo escolar, era registrado em Termos de visita dos grupos e, depois, publicado nos jornais que aquela atitude era considerada errada e que precisava ser corrigida o mais rápido possível, pois era prejudicial à saúde, à higiene e ao comportamento intelectual, moral e, sobretudo, físico de um futuro cidadão brasileiro e republicano.

Com o propósito de educar e escolarizar o corpo dos alunos dos grupos escolares, os exercícios físicos se tornaram uma prática escolar instituída ao longo dos anos. A escola primária no Brasil do início do século XX, ao buscar atender demandas do período possibilitou o estabelecimento ou consolidação de representações e práticas, saberes e fazeres caracterizados pela permanência nos currículos escolares, a exemplo da prática dos exercícios físicos, consolidadas na constituição da disciplina escolar Educação Física.

### **A atenção aos corpos imersa na cultura escolar**

Essa nova cultura escolar não iria somente escolarizar e formar um aluno intelectualmente. Iria também, cuidar do desenvolvimento do corpo e das mãos, com a finalidade de educar a população para o mundo do trabalho, ou seja, não ficava a cargo do corpo docente dos grupos escolares apenas o dever de ensinar os discentes a ler e escrever, como fica evidente nos ordenamentos legais do ensino primário de Minas Gerais:

No exercício de suas funções, cumpre tenham os docentes sempre em vista que o fim collimado no ensino não é somente o de instruir ás creanças, mas também:

1. O de desenvolver-lhe o corpo;
2. o de educar-lhes as mãos;
3. o de cultivar nellas a actividade e a vontade;
4. o de formar-lhes o espírito e o coração. (VAGO, 1999, p. 88).

Esse estado de coisas presente em Minas Gerais pode ser estendido para outros estados do País, ao observarmos a prática dos trabalhos manuais nas instituições de ensino primário. Nos “trabalhos manuaes” feitos dentro dos grupos escolares, era perceptível a separação dos corpos entre os alunos. As meninas iriam aprender a realizar trabalhos domésticos, confeccionando roupas, dobrando-as, cortando-as, e costurando-as, pois no início do século XX acreditava-se que pelo fato do sexo feminino ser mais frágil e dócil, as meninas deveriam aprender a lidar com as necessidades da casa, ou seja, com necessidades domésticas. Já os meninos, iriam aprender a confeccionar pacotes ou objetos e até mesmo aprender a realizar trabalhos técnicos e profissionais que serviriam de uma fonte de renda, pois naquele período o sexo masculino era considerado aquele que era capaz de lidar com a força e a produtividade do trabalho. A preocupação em educar os corpos seguia uma linha de raciocínio que tinha o objetivo de escolarizar os corpos, para que estes corpos se desenvolvessem e progredisse o País.

Era perceptível a preocupação em educar o corpo, as mãos, o espírito e o coração dos alunos, com a finalidade de representar uma modernidade proposta pelo governo republicano não só nas ações da reforma do ensino ou no processo de urbanização, a transformação deveria ser evidente também, no modo comportamental e corporal da população republicana, sendo assim, o ideário republicano iria moldar, transformar e mudar os costumes, os hábitos e os vícios que a sociedade tinha, impondo nelas as práticas corporais, racionais e higiênicas no corpo das crianças.

Os grupos escolares por si só já contribuían para escolarizar os corpos das crianças, ou seja, os espaços das construções dos grupos escolares já mostravam qual comportamento esperava-se de um aluno, devido às proporções e os cuidados que o governo republicano estava tendo, de colocar tanto no cotidiano como nos corpos dos alunos, os preceitos e as condições higiênicas que eles queriam impor no ensino primário.

Com isso, nos espaços destinados à educação física e ginástica, o comportamento que aquele ambiente possivelmente impunha nos corpos das crianças era de se exercitar e fortalecer o seu físico, eventualmente dando um ar de descontração já que não estariam dentro de quatro paredes, ou seja, das salas de aula permitindo-os fazerem movimentos que não seriam considerados adequados dentro de uma sala, mas ao mesmo tempo daria um ar de disciplina rígida e controlada.

Dessa forma, a educação física tinha por finalidade promover o desenvolvimento físico dos alunos, independentemente de aparelhos ou marchas que o programa de ensino recomendava, como mostra o regimento interno do Grupo Escolar Trinta de Setembro, na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1909:

Educação Physica

Art. 10 - A educação physica tera por fim o desenvolvimento physiologico dos alumnos e constará de exercicios physicos recreativos e independentes de aparelhos, marchas e mais recommendações constantes do programma.

No tempo do recreio, nos grupos escolares, existiam as fiscalizações dos alunos realizadas pelos professores. Cada professor poderia punir algum aluno que por acaso tivesse cometido algo inapropriado em suas brincadeiras. Nesse tempo de fiscalização os professores instruíam os alunos a fazerem exercícios físicos e ginásticos como forma de a escola controlar, e ao mesmo tempo, intervir no corpo dos alunos fazendo com que o recreio fosse um horário em que ocorria o desenvolvimento do corpo e se fosse realizado com eficiência, traria um bom resultado aos corpos dos alunos, como pudemos perceber por meio de experiências ocorridas no Grupo Escolar Alberto Maranhão, Nova Cruz-RN, em 1918, em que foi constatado, pelo inspetor de ensino um processo de desenvolvimento nos alunos por causa do recreio: "[...] recreio: desenvolvimento e aproveitamento constatados por mim nas quatro secções, sendo ministradas todas as disciplinas pontualmente." (CÂMARA, Amphilóquio. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Alberto Maranhão>. *A Republica*. Natal, 22 de abr. 1918, n. 90, p. 02).

Outra atividade regulamentada nos grupos escolares do Rio Grande do Norte era a prática dos passeios extraclasse, os quais deveriam ocorrer, ao menos, uma vez por mês. Nesses



passeios existia um horário destinado ao recreio, no qual ocorria a execução dos exercícios físicos, da calistênica sueca, dos cantos escolares, dos jogos infantis e da ginástica sueca, como mostra o Grupo Escolar Senador Guerra, Caicó-RN, em 1922, no qual a prática dos exercícios era executada após o término dos passeios escolares: “Depois das lições, houve exercicios de callisthenica suecca e cantos escolares.” (PELO Ensino – passeios escolares. *A Republica*. Natal, 28 mar. 1922, n. 69, p. 01). Já no passeio escolar do Grupo Escolar Almino Affonso, Martins-RN, a prática recreativa era composta por jogos infantis, carreiras, saltos e exercícios físicos, como podemos vislumbrar a seguir:

A 25 de Fevereiro findo, as duas Escolas Isoladas, dos professores Jacome de Lima e Amalia Camara, fizeram em conjuncto, um passeio escolar no sitio <Canto>, presentes 19 alumnos da Escola masculina e 31 da Escola feminina, aos quaes foram dadas lições de botanica, com uma parte recreativa constante de saltos e carreiras, jogos infantis e exercicios phisicos. (PELO Ensino – passeios escolares. *A Republica*. Natal, 28 mar. 1922, n. 69, p. 01).

No Grupo Escolar Senador Guerra, em Caicó-RN, a parte recreativa era composta por exercícios físicos que tinham o objetivo de aperfeiçoar e fortalecer o físico dos alunos racionalmente, fazendo com que depois dos ensinamentos sobre lições diversas, ocorresse também o ensino para o corpo com exercícios, cantos e marchas: “A parte recreativa constou de exercicios phisicos ao ar livre, marchas com canticos e merenda.” (PELO ensino – passeios escolares. *A Republica*. Natal, 13 de abr. 1922, n. 83, p. 01).

É importante observarmos que a hora do recreio era para que os corpos das crianças relaxassem do “bombardeamento” intelectual a que eram submetidos nas aulas, porém o recreio não deixava de ser um aprendizado já que os alunos iriam ter que aprender a exercitar o corpo, o físico para o bom desenvolvimento da sua saúde. No Grupo Escolar Padre Cosme, São Miguel-RN, em 1922, na hora recreativa, estava presente a ginástica sueca ao ar livre juntamente com os hinos escolares:

A 25 de Fevereiro findo, as duas Escolas Isoladas, das professoras Maria Cristina Mangabeira e Maria Carmelita de Mesquita, fizeram um passeio no sitio “Riacho Fundo”, de propriedade do major José Xavier Moreira, presentes

19 alumnos da Escola masculina e e 25 da Escola femenina, aos quaes foram dadas lições concretas de historia natural, com uma parte recreativa.

- No dia 18 do corrente mez, as mesmas escolas fizeram um passeio no logar “Taboão”, presentes 19 alumnos da Escola masculina e 22 da Escola feminina, aos quaes foram dadas lições sobre zoologia: animaes com ossos e animaes sem ossos, com uma parte recreativa: jogos infantis, gymnastica suecca ao ar livre, hymnos escolares. (PELO Ensino – passeios escolares. *A Republica*. Natal, 28 mar. 1922, n. 69, p. 01).

O recreio também era utilizado para as punições que os professores davam para os alunos. Muitos alunos que desobedecessem as regras do convívio escolar, como por exemplo, fumar, cuspir no assoalho ou nas paredes, atirar objetos pelo chão, colher flores no jardim, riscar ou sujar as carteiras, sair da escola, sair da forma/fila, agredir os colegas, injuriar os professores entre outras proibições, ficariam privados de participar do recreio, tendo como punição (caso fosse o dia dos exercícios físicos), não praticar esses exercícios considerados de extrema importância ao corpo da criança, como por exemplo, acontecia em Minas Gerais, segundo Vago (1999, p. 127). Com isso, podemos observar que a prática de fazer os exercícios físicos era considerada um privilégio que a escola propunha para os alunos, pois só assim iriam lhes ensinar as boas maneiras e os bons costumes que naquela época, intelectuais da educação e administradores públicos queriam ver presentes na sociedade.

Já nas salas de aula, o comportamento que aquele espaço impunha nos corpos das crianças era de que os alunos deveriam ficar sentados em mobiliário adequado a sua postura e saúde, com a finalidade de formar homens moralmente bons e intelectualmente cultos, visto que teriam condições adequadas para estudar, acomodando bem o seu físico e desenvolvendo a sua inteligência.

Sendo assim, os grupos escolares seriam uma representação da escola como um lugar da tríade “educação intellectual, moral e physica”, como afirma José Vieira Marques (*apud* VAGO, 1999, p. 121) secretário do interior, em 1918, em Minas Gerais, que a junção dessa tríade iria construir uma escola organizada, com preceitos de higiene escolar, com a finalidade de formar homens de ação, prevententes e resolutos.

A escola não tinha o dever de apenas implantar a disciplina nos corpos das crianças, cabia também, ao professorado, através de palavras e atitudes de honestidade dar o exemplo

para ser seguido. Os professores deveriam ter pontualidade, manter o silêncio, não sair do grupo escolar antes do término dos trabalhos escolares ou até que toda sua classe já tivesse saído, além de realizar todos os exercícios e procedimentos do cronograma escolar.

Para manter o seu grau de autoridade e impor disciplina nos alunos, os professores, em alguns casos, aplicavam castigos físicos que não estavam previstos no regulamento escolar vigente. Esse tipo de castigo físico possivelmente era uma forma de inculcar os preceitos republicanos de transformar o corpo dos alunos que antes apresentavam vícios para um corpo saudável, cheio de moral, disciplina e ordem, mostrando assim, o que era certo e errado, porém não era considerado como uma punição correta conforme os preceitos e as leis do ensino primário e implicava em possíveis punições ao professorado que descumprisse o regulamento. Por isso e outros motivos, os grupos escolares norte-rio-grandenses passaram a ter regulamentos minuciosos relacionados ao corpo docente, à escola e às atividades realizadas nela. Esses regulamentos tinham o objetivo de ordenar o funcionamento interno, como a inspeção, os grêmios, os conselhos etc., como declaram Azevedo e Stamatto (2012, p. 78).

Os hábitos higiênicos sempre estavam presentes em relação ao ato de civilizar os corpos dos alunos, pois no início da década de XX a preocupação que se tinha era de educar o corpo com a finalidade de inculcar um modo civilizado para retirar os males e doenças que a população tinha. Por tudo isso, era ensinado o cuidado e a assepsia com o corpo dentro dos grupos escolares, como por exemplo, o cuidado com o corpo reto, com a mastigação, com a assepsia das roupas e objetos da classe, não cuspir, ter a necessidade de tomar banho, não remover cisco nos olhos, não colocar lápis ou palitos nos ouvidos entre outras medidas de higiene para se atingir uma perfeição do corpo que se queria ter naquela época. Segundo Vago (1999, p. 158) limpar e educar o corpo conversando e também inspecionando diariamente, até mesmo intervindo diretamente em sua estética configuram em uma faxina escolar nos corpos das crianças, com o objetivo de cultivar uma nova corporeidade.

Nos grupos escolares norte-rio-grandenses esse cuidado com o corpo era materializado na inspeção feita pelos professores e diretores dos grupos escolares. Para melhorar essas inspeções, foi criada a inspeção médica nos grupos escolares a partir da qual os médicos

visitariam os grupos com a finalidade de identificar uma doença, tratá-la e por último dar a profilaxia. Acreditava-se, no início do século XX, que era preciso ter uma opinião médica para manter o controle da corporeidade das crianças, com o objetivo de sanar com doenças contagiosas como a tuberculose e até mesmo as cáries que através de um beijo poderia ser passada e contaminar a todos. Porém, não só as crianças eram alvos dessa inspeção médica. Os corpos dos professores também estavam no saneamento que o governo republicano pretendia.

No Rio Grande do Norte, além de os docentes serem vacinados, qualquer problema de saúde seria motivo para interromper a sua função de professor pensando em sanar com o seu problema de saúde e não prejudicar a saúde dos alunos com uma possível transmissão da doença que o professor teria. Por tudo isso, a preocupação com os corpos não iria se restringir somente às crianças, corrigindo seus defeitos e anomalias. Era preciso que os corpos dos mestres e das mestras também fossem alvo de inspeção, já que eles iriam educar a população e formar uma sociedade civilizada, disciplinada, exemplar e, portanto, deveriam estar de acordo com todos os preceitos higiênicos e morais.

A escolarização dos corpos não estava presente, portanto, apenas nas atividades intituladas de exercícios físicos. A atenção aos corpos dava-se ao longo da dinâmica escolar por meio de outras práticas escolares já institucionalizadas, a exemplo do recreio (diário) e dos passeios extraclasse (mensais) e mesmo disciplinas, como “Trabalhos Manuais”. A centralidade da atenção aos corpos imersa na cultura escolar constituiu-se em alvo de atenção de intelectuais e administradores públicos das primeiras décadas da República. No Rio Grande do Norte isso não foi diferente.

Nesse sentido, podemos citar outra prática voltada para a educação do corpo e o seu tratamento específico – a escrita. Os alunos deveriam escrever com postura específica, de modo que executassem o tipo de escrita vertical, com uma letra redonda e bem definida. Buscava-se estabelecer um modelo de escrita para o corpo e capaz de contribuir para com a saúde dos alunos. Com isso, os alunos deveriam assumir postura ereta do corpo ao escrever.

O modelo de escrita vertical era considerado moderno, diferente da escrita inclinada, considerada causadora de danos à saúde dos alunos, como por exemplo, escoliose e miopia. Era

uma forma de escolarizar os corpos dos alunos com o objetivo de aderir a disciplina, o civismo e a civilidade proposta pelo governo republicano, formando um novo cidadão em um novo tempo, como afirma Vago (1999, p. 196):

Educar o corpo para escrever, inscrevendo no corpo os atributos compatíveis ao cidadão de um novo tempo: a caligrafia vertical é uma representação da postura do corpo que a escola deveria produzir – mais do que mudança na letra, o que se queria era a mutação de corpos inclinados em corpos verticais.

Segundo Buisson (*apud* FARIA FILHO, 1998, p. 139) as vantagens que a escrita vertical proporcionava aos corpos dos alunos eram inúmeras, como ele declara:

A escrita vertical é simples, racional, clara e legível. Ela tem uma analogia com os caracteres impressos e com a escrita obtida hoje no comércio e na indústria pela máquinas de escrever. Ela dá os hábitos de ordem, de cuidado e de método. Ela permite alcançar no ensino, uma uniformidade que não seria alcançada sem ela.

Dessa forma, a escrita vertical poderia ser considerada como higiênica, já que a escrita iria ficar mais legível, rápida e fácil, pela escrita ser simples e racional e condizente com a proposta do ensino moderno, visto que ela iria impor nos alunos hábitos de ordem, progresso e disciplina.

O processo de adaptação da escrita inclinada para a escrita vertical foi característico da nova cultura escolar, em meio a qual os corpos das crianças seriam transformados em corpos de alunos, a partir da utilização de vários mecanismos propostos pela modernidade. Não podemos deixar de considerar que esse processo resultou em uma ação homogeneizadora diante da diversidade das práticas culturais presentes na sociedade brasileira do início do século XX. Faria Filho (1998, p. 141) registra que: “Como componente desta identidade e tornando-a presente no cotidiano escolar, há uma corporeidade à qual busca-se produzir a partir dos moldes e necessidades estabelecidos pela instituição escolar, mediante seus agentes e profissionais”. Assim como o autor, percebemos a corporeização escolarizada dos sujeitos dentro dos propósitos do projeto de escola moderna de massa, que foram os grupos escolares.

De acordo com Moraes (*apud* VIDAL, 1998, p. 126-140) a caligrafia inclinada:

[...] utilizada durante o século XIX, apesar de “elegante, graciosa e pessoal”, era criticada porque percebida como a causa para os problemas de miopia e escoliose encontrados nos/as escolares. Permitindo ao aluno a posição normal do tronco, evita-lhe o estilo vertical as deformidades do corpo que é obrigado naturalmente no executar letras inclinadas ou oblíquas.

O tipo de escrita inclinada não era o mais adequado para se obter uma escrita eficiente que iria fazer com que os alunos produzissem sem ter nenhum problema em sua saúde. Além de Azevedo (2009) há outros autores, como Buisson citado por Faria Filho, (2001) que também concordam com esta visão, alegando que os problemas oriundos da escrita inclinada deixariam os corpos defeituosos:

Os corpos inclinados, se apoiando de um só lado, sobre o cotovelo esquerdo, seu ombro esquerdo sobe, sua coluna vertebral desce da linha vertical e se curva para a esquerda. Esta posição obriga a inclinação do rosto para a esquerda e seus olhos se acomodam a uma visão mais curta e tomam um grau diferente de acomodação. A miopia e escoliose podem ser resultado desta posição. (*Apud* FARIA FILHO, 2001, p. 42).

Associada à busca por uma melhor e mais higiênica prática de escrita e de leitura estava, obviamente, a preocupação com o mobiliário. Faria Filho (2001) registra que a atenção de bem educar a postura, de demarcar e controlar claramente os gestos e de criar as condições para um escrever saudável e higiênico, transformando-o em um ato minuciosamente planejado, resultou também na busca por melhores equipamentos escolares. Segundo o autor (2001, p. 44), "os profissionais imbuídos desta nova sensibilidade e imbuídos de uma proposta de racionalização de escola voltassem suas preocupações para os equipamentos escolares, para as carteiras, para a qualidade dos quadros e, enfim, para os custos da educação". As práticas higienistas buscavam evitar doenças e criar hábitos saudáveis para a sociedade. Dessa forma, o cuidado com os corpos das crianças passaria, evidentemente, pela atenção ao mobiliário escolar.

No Rio Grande do Norte, em 1911, o presidente Alberto Maranhão (1908-1914) atestava em sua mensagem oficial à Assembleia Legislativa estadual que havia móveis adequados nas escolas: "recebem, destarte, instrução primária, pelos métodos modernos, cerca de duas mil

crianças, em casas confortáveis e higiênicas, providas de mobiliário apropriado" (MENSAGEM, 1911, p. 7). No Código de Ensino de 1913, estava presente a recomendação de que todas as carteiras e bancos, de elevação facultativa, seriam proporcionais à estatura dos educandos e deveriam ser construídos de maneira a "garantir a saúde, a vigilância do professor e a responsabilidade individual do aluno" (Art. 49).

Verificamos a concretização de um processo constitutivo de uma corporeidade escolar, marcando a cultura escolar das instituições de ensino primário da passagem do século XIX para o XX, baseado no estabelecimento de vivências que envolviam aspectos sociais, biológicos, psicológicos e educacionais. Verificamos que, por meio da escola primária, uma série de mecanismos, instrumentos e práticas foram estabelecidos tendo em vista a escolarização dos corpos de crianças, futuros cidadãos de um Brasil republicano, assim como de adultos (profissionais com atuação nas escolas), cuja atuação na sociedade (ensino escolar) davam-lhe o estatuto de sujeitos formadores de um novo tempo (republicano e moderno). Como aspecto constituinte da cultura escolar dos grupos, a existência de novas práticas de escrita, de leitura, de trabalhos manuais e de exercícios físicos, por exemplo, levam-nos à conclusão de que a escola foi tomada como uma das principais instituições sociais que integraram o processo constitutivo da sociedade brasileira moderna.

### **Considerações finais**

No início do século XX, a implantação dos grupos escolares, proposta pelo governo republicano na reforma de 1908 no Rio Grande do Norte, teve como intuito difundir os ideais de disciplina, ordem, progresso, higiene, amor à Pátria e a construção de um caráter moral, intelectual e fisicamente civilizado.

Como o governo republicano tinha a finalidade de inculcar na sociedade os preceitos de modernidade, em grande medida, via ensino público, transformando o ensino rudimentar em um ensino seriado, ou seja, moderno, era preciso também, que os corpos da população também se transformassem, inculcando neles, a disciplina, a ordem, e o civismo que os republicanos do final do século XIX e início do XX requeriam.

Os exercícios físicos foram uma forma de moldar os corpos dos alunos e alunas dos grupos escolares. *A priori* esses exercícios eram chamados de “Gymnastica” que tinham o objetivo de tornar o corpo belo, forte e saudável, fundamentado na ginástica sueca que se firmou na Europa e em outros países. Os exercícios calistênicos também eram uma forma de cultivar e escolarizar o corpo como uma forma higiênica e educativa de disciplinar e controlar os corpos das crianças para o modo de ensino que estava sendo implantado.

Por tudo isso, buscava-se implantar e formar nos alunos uma sensibilidade corporal. Aspectos da vida da criança, costumes, vícios, males e doenças existentes antes da reforma do ensino, iriam ser deixados de lado para, a partir de então, serem construídos novos hábitos nos corpos que seriam belos, eretos, fortes, corretos e higiênicos. Com isso, às crianças eram ensinados os sentimentos e comportamentos que se desejava ter naquela época, por meio de diferentes práticas como o sentar-se corretamente no mobiliário escolar, o escrever, o ler e mesmo o simples brincar.

Dessa forma, com a escolarização dos corpos, as crianças, que antes não tinham uma supervisão sistemática, não conviviam com uma inspeção escolar frequente e definições de normas ordenadoras, que possuíam hábitos considerados prejudiciais à saúde do corpo, da mente e do físico, passariam a ter experiências de ordem baseadas em preceitos higienistas e práticas de exercícios físicos. As crianças, na condição de alunos, passariam a ter uma rotina a ser seguida, tendo horários para serem cumpridos e hábitos considerados escolares para serem vivenciados sob a orientação de professores capazes de ensinar-lhes a se comportarem perante a sociedade, o trabalho e a pátria.

Portanto, os exercícios físicos foram considerados excelentes no que diz respeito a ser uma prática corretora e eficiente, pois através dela é que eram corrigidos alguns defeitos do corpo, tornando-se assim, uma atitude corporal correta além de implantar e estimular nos alunos a vontade e o amor ao trabalho. A prática dos exercícios e a escolarização dos corpos entraram na corporeidade dos alunos com a finalidade de instituir modos de andar, de vestir, do asseio, do cuidado com o corpo, de escrever, de se comportar, novas posturas, e uma estética corporal que se queria instalar. Com o corpo livre e afastado de aspectos considerados perigosos



e de má influência para o corpo dos alunos (como a rua), os alunos iriam ter ordem e disciplina, iriam respeitar os professores e seus colegas, sendo assim, a escola iria ensinar e escolarizar os corpos dos alunos com o intuito de transformá-los em futuros cidadãos republicanos sendo saudáveis e tendo amor a sua Pátria.

### Referências

ABREU, Francisco Pinto de. **Relatório apresentado pelo Dr. Francisco Pinto de Abreu, Diretor Geral da Instrução Pública, ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte**. Natal, 15 out. 1909. 18 fl. (Manuscrito).

ABREU, Francisco Pinto de. **Relatório apresentado pelo Dr. Francisco Pinto de Abreu, Diretor Geral da Instrução Pública ao Governo do Estado do Rio Grande do Norte**. Natal, 15 de out. 1908. 22 fl. (Manuscrito).

ALBUQUERQUE, Luís Rogério. A constituição histórica da educação física no Brasil e os processos da formação profissional. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro sul brasileiro de psicopedagogia, **Anais**, 26 a 9 de outubro de 2009 – PUCPR.

A FESTA do Grupo Escolar “Frei Miguelinho”. **A Republica**. Natal, 01 de dez. 1916, n. 268, p. 01.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância**. Natal: Ed. UFRN, 2009.

AZEVEDO, Fernanda V. de; BOMBASSARO, Ticiane; VAZ, Alexande F.. Escolarização o corpo e controle de si na revista Estudos Educacionais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 231, p. 302-315, 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da ordem e do progresso: grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília: Liber Livro, 2012.

CÂMARA, Amphilóquio. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Alberto Maranhão>. **A Republica**. Natal, 22 de abr. 1918, n. 90, p. 02.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2 ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: UFRN, 1980.

CARVALHO, Marta M. C. de. **A escolar e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CORRÊA, Lígia de Moraes Antunes. **Da beleza e vigor do corpo: breve história da calistenia.** Monografia [Licenciatura em Educação Física]. Campinas, UNICAMP, 2002.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Cultura e prática escolares: escrita, aluno e corporeidade. **Cadernos de Pesquisa.**, n. 103, p. 136-149, mar. 1998.

\_\_\_\_\_. **Modos de ler, formas de escrever:** estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

HEROLD JUNIOR, Carlos. A educação física e os sistemas nacionais de ensino: análise das relações entre o pensamento educacional europeu e brasileiro (1870-1920). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 19, p. 134-142, set. 2005 – ISSN: 1676-2584.

JULIA, Dominique. A cultura escolar com objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação.** Campinas: Autores Associados, n. 1, 2001, p. 09-43.

LIMA, Nestor dos Santos. **Relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima.** Natal, 2 out. 1924. 48 fl. (Manuscrito).

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. Educação física: prisioneira do século XIX?. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 85-86, jan. 2004.

MOREIRA, Ana Zélia. **Um espaço pioneiro de modernidade educacional:** Grupo Escolar Augusto Severo, Natal-RN (1908-1913). 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MORENO, Andrea. Corpo solar, corpo lunar: práticas corporais no Rio de Janeiro oitocentista. ‘Usos do Passado’. XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, **Anais**, 2006.

O ENSINO - Grupo Escolar “Almino Affonso”. **A Republica.** Natal, 12 de dez. 1911, n. 264, p. 01.

O ENSINO - Grupo Modelo “Augusto Severo”. **A Republica.** Natal, 04 de dez. 1911, n. 258, p. 01.

O ENSINO – Grupo Escolar “Tenente Coronel José Correia”. *A Republica.* Natal, 05 de dez. 1911, n. 259, p. 01.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de; LINHALES, Meily Assbú. Pensar a educação do corpo na e para a escola: indícios no debate educacional brasileiro (1882-1927). **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

PELO Ensino – passeios escolares. **A Republica**. Natal, 28 mar. 1922, n. 69, p. 01.

PELO ensino – passeios escolares. **A Republica**. Natal, 13 de abr. 1922, n. 83, p. 01.

PELO ensino- visitas escolares – Grupo Escolar Capitão Mór Galvão. **A Republica**. Natal, 07 de ago. 1918, n. 175, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares - Grupo Escolar “Joaquim Nabuco”. **A Republica**. Natal, 01 de set. 1920, n. 195, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Padre Cosme. **A Republica**. Natal, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Thomaz de Araujo>. **A Republica**. Natal, 08 de ago. 1918, n. 176, p. 02.

PINTO, Rubia-Mar Nunes. Civilidade, corpo e escolarização da criança: o legado de Descartes e Rousseau. **Revista Poiésis** – Volume I, Número 1, pp.76-89, janeiro/dezembro 2003.

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno do Grupo Escolar "Trinta de Setembro, 1909.**

RIO GRANDE DO NORTE. Actos Legislativos e Decretos do Governo, 1917. Natal: Typographia d' A República, 1918. [Texto e comentário da lei n. 405, de 29 de novembro de 1916. Reforma do ensino].

RIO GRANDE DO NORTE. [Departamento de Educação]. **Mensagem apresentada pelo presidente do Estado à Assembléia Legislativa**, em 1911. Natal: Imprensa Oficial, 1911.

REMER, Maísa M.; STENTZLER, Márcia Marlene. Método intuitivo: Rui Barbosa e a preparação para a vida completa por meio da educação integral. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE.III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, **Anais**, 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivos de corpos:** educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). [Tese de Doutorado]. Bragança Paulista, USF, 1999.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos Cedex**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

VALDEMARIN, Vera T. Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cadernos Cedes**. Campinas, v. 20, n. 52, 2000, p. 74-87.

VAZ, Alexandre Fernandez; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. Educação do corpo: teoria e história. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 13-19, jul./dez. 2004.

VIDAL, Diana G. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo, v. 24, n. 1, 1998, p. 126-140.

Artigo recebido em 03 de outubro de 2015. Aprovado em 18 de outubro de 2015.

---

## Notas

<sup>1</sup> Neste artigo os trechos extraídos de documentos de época têm respeitada a grafia original.